



## CINEMA E HISTÓRIA: REPRESENTAÇÕES DO AUTORITARISMO EM *MEMÓRIAS DO CÁRCERE* DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS\*

Tânia Nunes Davi\*\*

Fundação Carmelitana Mário Palmério – FUCAMP / M. Camelo-MG  
[tania@dhonline.com.br](mailto:tania@dhonline.com.br)

**RESUMO:** Este artigo discute *Memórias do Cárcere*, filme de Nelson Pereira dos Santos, baseado em obra homônima de Graciliano Ramos, de modo a mostrar as apropriações feitas pelo cineasta da obra literária, bem como os diálogos entre arte e sociedade.

**ABSTRACT:** This article discusses about *Memórias do Cárcere*, a film of Nelson Pereira dos Santos, based in homonymous work of Graciliano Ramos, in a way to show the appropriations made by the director of the literary work, as well like the dialogues between art and society.

**PALAVRAS-CHAVE:** História e Cinema – Cinema Brasileiro – Nelson Pereira dos Santos

**KEYWORDS:** History and Cinema – Brazilian Cinema – Nelson Pereira dos Santos

Em uma entrevista, Nelson Pereira dos Santos disse que “[...] a democracia no Brasil é um intervalo comercial”.<sup>1</sup> Aproveitando o início de um desses “intervalos”, na década de 1980, o cineasta retomou um projeto acalentado com o sucesso do filme *Vidas Secas* (1963) – levar às telas o livro *Memórias do Cárcere*,<sup>2</sup> de Graciliano Ramos.

---

\* Este texto é parte integrante da Dissertação de Mestrado: “**A democracia no Brasil é um intervalo comercial**”: autoritarismo, estética e representações em *Memórias do Cárcere* (1953; 1984). 2004. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

\*\* Mestre em História pela UFU e doutoranda em História pela mesma instituição. Professora da Fundação Carmelitana Mário Palmério – FUCAMP/Monte Carmelo/MG

<sup>1</sup> SALEM, Helena. *Nelson Pereira dos Santos: o sonho possível do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 333.

<sup>2</sup> *Memórias do Cárcere* foi editado pela primeira vez pela José Olympio, em 1953, meses após o falecimento de Graciliano Ramos. O livro foi fruto de anos de trabalho do escritor e ficou inacabado. O tema central da obra é a experiência pessoal e coletiva de Graciliano Ramos como preso político do governo de Vargas. Nele Ramos teceu uma extensa galeria de personagens que vão desde os anônimos presos comuns até conhecidos militares insurgentes como Agildo Barata Ribeiro, legando-nos um

O projeto de Nelson esbarrou no delicado momento político pelo qual o Brasil passou após 1964 e no envolvimento pessoal do cineasta em outros projetos cinematográficos como *El Justicero* (1967), *Fome de Amor* (1968), *Azyllo Muito Louco* (1969), *Como era gostoso o meu francês* (1970) e *Quem é Beta?* (1972), *O Amuleto de Ogum* (1974), *Tenda dos Milagres* (1977) e *Estrada da Vida* (1980). Segundo o cineasta, a demora de vinte anos em retomar o projeto de filmar *Memórias* “[...] não atrapalhou, significou apren-dizado, amadurecimento, eu não poderia fazer tão bem naquela época”.<sup>3</sup>

Perguntado sobre o que encontrou em Graciliano que lhe deu vontade de levá-lo novamente às telas, o cineasta assim se manifestou, desmentindo suas alegações anteriores de não envolvimento do filme com aspectos da política brasileira:<sup>4</sup>

Acho que primeiro o estilo, não é? É um texto organizado, bonito e ao mesmo tempo simples... as palavras justas, nos lugares certos... e tem também toda aquela ética de Graciliano, que muito atraía a juventude, especialmente aqueles que estavam na esquerda. Graciliano foi um grande crítico do Partido Comunista. Alguns militantes tinham uma relação direta com os pequenos Stalins dentro do Partido, e Graciliano era o outro lado, o pensamento libertário e a relação dele com a vida e com o outro.<sup>5</sup>

Nada mais político do que discutir os “Stalins” dentro do PCB<sup>6</sup> e a própria atuação do Partido em um momento decisivo para a História do Brasil como a década de 1930. Nessa linha, Nelson construiu um resgate da memória sobre a repressão sofrida pelos comunistas e simpatizantes após a fracassada Intentona de 1935 e discutiu os desmandos dos membros da direção do Partido, os “pequenos Stalins”, que buscavam ditar os caminhos da política e da cultura no seu interior. Além de se apropriar das representações sobre os comunistas para traçar o perfil do Partido, o cineasta também teceu representações sobre os militares, as mulheres, os malandros, os intelectuais, os

---

testemunho sobre a vida cotidiana, os conflitos, a organização e as tensões dentro das prisões varguistas anteriores ao Estado Novo.

<sup>3</sup> SALEM, Helena. **Nelson Pereira dos Santos**: o sonho possível do cinema brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 357.

<sup>4</sup> Nelson afirmou em algumas entrevistas que *Memórias* não teria um significado político oculto tratando-se da “condição humana, de forma universal. É uma tentativa de contar uma história para o mundo”. Declarações que, certamente, visavam desviar os olhos da censura. Para outras informações recorrer a: PEREIRA, Edmar. Nelson Pereira, colecionando elogios. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 02/07/1984, s/p.

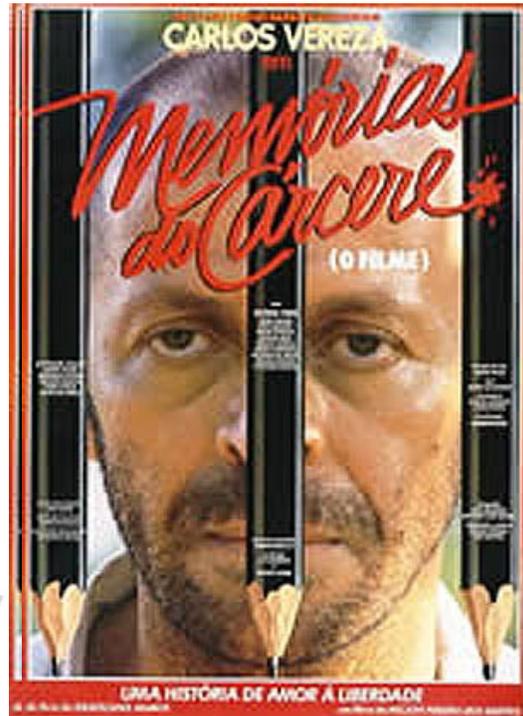
<sup>5</sup> D’AVILA, Roberto. Nelson Pereira dos Santos. In: \_\_\_\_\_. **Os cineastas**: conversas com Roberto D’Avila. Rio de Janeiro: Editora Bom Texto, 2002, p. 34-35.

<sup>6</sup> Tanto Graciliano Ramos quanto Nelson Pereira foram membros do PCB e passaram pelas várias mudanças de diretrizes políticas e culturais do Partido ao longo da década de 1940 e 1950.

presos comuns, personagens que viveram o cárcere junto com Graciliano Ramos. Representações<sup>7</sup> que não ficaram apenas no âmbito do governo de Vargas, mas estenderam-se pelos governos militares do pós-1964, para a realidade autoritária e repressiva pela qual o Brasil passou nas décadas de 1960 e 1970 e que estava em vias de abertura no início dos anos 1980.

Nelson não construiu essas representações e relações a partir do nada. A relação entre o governo de Getúlio Vargas e o dos militares do pós-1964, vale lembrar, foi tecida pelos últimos na busca de engendrar um efetivo sistema de dominação, passando necessariamente por mecanismos que promovessem a legitimação do seu governo junto à população. Para tanto, os militares procuraram tecer uma relação ideológico-temporal ligando-os a Vargas. Eles procuraram identificar-se como uma “vanguarda” e uma frente de combate contra o “inimigo” que obstruía o crescimento harmonioso do Brasil – os comunistas, os subversivos, os desordeiros que não permitiam o seu desenvolvimento, impedindo-o de assumir sua missão histórica de país industrial, capitalista e moderno.

Tanto no governo Vargas quanto no dos militares do pós-1964 existiam outras visões de mundo e projetos para o Brasil. Cada categoria social possuía seus objetivos e planos que foram silenciados e submergidos pelo projeto que se tornou hegemônico – o de Getúlio e dos militares. Essa diversidade de propostas aparecem em *Memórias* por meio das representações sobre vários temas e categorias sociais construídos por Graciliano, resgatados e (re)significados por Nelson Pereira que levou dois anos para fazer a adaptação da linguagem literária de *Memórias* para a fílmica. Neste período



Cartaz do Filme Memórias do Cárcere lançado em 1984.

<sup>7</sup> O conceito de representação e apropriação é utilizado a partir das propostas de Roger Chartier presentes, entre outros textos, em: CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

fundiou os 237 personagens originais em 120, alterou nomes e a ordem cronológica de alguns acontecimentos, produzindo um filme aclamado pela crítica nacional e internacional<sup>8</sup> e pelo público.

Em 1984, ano do lançamento do filme, o público acorreu aos cinemas para apreciar a direção de Nelson Pereira dos Santos, a atuação de Carlos Vereza, como Graciliano Ramos, de Glória Pires, como sua esposa (Heloisa Ramos), juntamente com um elenco de atores e extras que compuseram as mais de três horas de exibição da história narrada em *Memórias do Cárcere*.

Dentro das propostas e limites desse artigo procuraremos analisar as representações do filme e do livro a partir dos encarcerados. Essa atitude não busca compartimentar as representações de Graciliano e Nelson, mas direcionar nossas investigações para aspectos essenciais presentes na narrativa literária e fílmica de *Memórias do Cárcere* e que nos permitem vislumbrar parte da sociedade brasileira nos períodos abordados.

Os prisioneiros de *Memórias* podem ser classificados em dois tipos: os presos políticos e os comuns. A categoria dos presos políticos era composta pelos comunistas e simpatizantes, os militares revoltosos, os intelectuais, os operários sindicalizados e as mulheres. Já os presos comuns compunham-se dos ladrões, malandros, desempregados, assassinos e homossexuais. Até chegar a Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande – R.J., esses grupos estavam divididos em espaços distintos. No Pavilhão dos Primários na Casa de Detenção do Rio de Janeiro, por exemplo, não entrava preso comum, somente os presos/guardas, geralmente homossexuais que faziam o trabalho de faxina e entrega de mantimentos. Na Casa de Detenção as mulheres também estavam encarceradas em uma cela separada (a Sala 4) e precisavam criar estratégias para comunicarem-se com seus maridos e conhecidos no Pavilhão. Somente na Colônia Correccional os presos políticos conviviam diretamente com os presos comuns.

---

<sup>8</sup> Ao longo do 1984, *Memórias* ganhou vários prêmios internacionais como: Melhor Filme, concedido pela Crítica Internacional, em Cannes; Melhor Filme no Festival de Tashkent, na União Soviética e no Festival de Veneza, na Itália; Melhor Filme no Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano em Cuba (Prêmio Coral Negro) e no Festival de Gramado, no Brasil. No ano seguinte (1985), no Air France 85, ganhou o Prêmio de Melhor filme, Melhor Diretor e Melhor Ator (para Carlos Vereza) e de Melhor Ator para Vereza no Festival Internacional de Nova Délhi, na Índia.

## Os presos políticos: comunistas, intelectuais e mulheres

Ao ser preso (03 de março de 1936) em sua casa na Praia de Pajuçara em Maceió, Graciliano Ramos tinha uma visão romântica da prisão que foi rapidamente desconstruída com a despersonalização e a instabilidade da vida de um preso político nas instituições penais varguistas. A visão romântica do escritor derivou da sua vida pessoal desestruturada pelos ciúmes e brigas constantes com a esposa. Além disso, Ramos acabara de ser demitido do cargo de Diretor da Instrução Pública de Alagoas<sup>9</sup> e não encontrava em casa condições de tranquilidade para fazer as correções necessárias em seu livro *Angústia* (1936). Mas a realidade sobrepujou rapidamente a fantasia e ele logo percebeu que as suas “[...] prerrogativas bestas de pequeno-burguês iam cessar, ou tinham cessado”.<sup>10</sup>

Considerado como comunista, assim como centenas de outros indivíduos, Ramos passou dez meses encarcerado sem ser interrogado, processado, indiciado e sem saber do motivo exato de sua prisão. O objetivo do aprisionamento não era acusar indivíduos, mas “suprimi-los” da sociedade,<sup>11</sup> despersonalizando-os e sujeitando-os aos maus tratos físicos e psicológicos das instituições carcerárias.

As instituições penais brasileiras, nos momentos dos regimes autoritários abordados, tinham a dimensão de órgãos repressores, instalando os interesses do Estado acima do bem comum, localizando-se acima das leis. Seus membros realizavam ações violentas e repressoras nas quais a “[...] falta de princípios da polícia brasileira se constituiu no segredo de sua eficácia”.<sup>12</sup> Característica amplamente utilizada pelos governos autoritários contra os supostos “inimigos” da nação, indivíduos de categorias sociais que se bateram contra o autoritarismo e não conseguiram escapar do *pogrom*

---

<sup>9</sup> Cargo que hoje corresponderia ao de Secretário Estadual de Educação, que Ramos ocupou de 1932 a 1936, quando foi demitido devido às pressões sofridas pelo governador, derivadas de diversos setores que estavam insatisfeitos com a gestão e as atitudes de Ramos.

<sup>10</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 48. v. I

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>12</sup> CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da Era Vargas*. Brasília: Editora da UnB, 1993, p. 32.

A pesquisa de Cancelli aponta para algumas de nossas análises sobre as prisões varguistas e do pós-1964, no entanto, parece-nos importante ressaltar que não comungamos com algumas referências básicas no seu trabalho, como a utilização do conceito de totalitarismo para classificar o governo Vargas.

No nosso entender o governo de Vargas e o pós-1964 podem ser classificados como autoritários, pois espaços de atuação, de expressão e de visibilidade das esquerdas, dos grupos contrários ao governo existiram e não foram totalmente silenciados pela ação repressora dos órgãos policiais e de censura.

promovido por Vargas e Felinto Müller e, posteriormente, pelos dirigentes militares, contra os comunistas e os “subversivos”.

Segundo a oratória dos ideólogos varguistas e do pós-1964 os governantes não tinham ciência do que acontecia nas prisões. Discurso demagógico, construído para esconder, encobrir e acobertar a participação e/ou aceitação de Vargas e dos generais-presidentes dos métodos desumanos de interrogatório e de exclusão a que os presos políticos estavam submetidos. Como aponta Rose, nada mais pueril que pensar Vargas como um indivíduo inocente, desconhecendo os subterrâneos do aparelho repressivo; ele era “[...] culpado de permitir métodos inumanos de controle social que seriam aperfeiçoados e aplicados sob formas desconhecidas, na realidade, impensadas até ali”;<sup>13</sup> mas que, mantidos sobre as cinzas, ressurgiriam com força total após o AI-5.

A fracassada Intentona Comunista permitiu ao governo Vargas liberar a polícia para agir como um mecanismo acima das leis a fim de capturar os “revoltosos”, livrando a nação do “perigo” que eles representavam. A polícia política comandada por Felinto Müller “[...] matava nas ruas, invadia as casas a qualquer hora, inventava histórias, forjava documentos, arquitetava conspirações, torturava testemunhas e acusados. Instituiu-se, no melhor modelo fascista, a delação como norma de conduta”.<sup>14</sup>



Graciliano Ramos na Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande – R.J. A cena mostra o escritor tomando notas para o futuro livro.

Qualquer cidadão podia ser denunciado, encarcerado, torturado sem que tivesse necessariamente de saber a razão. E nem mesmo na prisão estavam a salvo, havia os informantes, os policiais infiltrados, os espões e o temor de, por meio dos interrogatórios, incriminar algum conhecido ainda livre.<sup>15</sup> Situação não

muito diferente do Brasil após o AI-5.

<sup>13</sup> ROSE, Robert S. **Uma das coisas esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil /1930-1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 17.

<sup>14</sup> Ibid., p. 112.

<sup>15</sup> Cf. RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 68; 254. v. I

Nas prisões do varguismo, conforme ressalta Cancelli, “[...] os indivíduos eram levados a perder todos os contornos de civilidade, assumindo cada vez mais sua condição animal”.<sup>16</sup> Característica captada por Graciliano Ramos ao relatar que, na Colônia Correccional de Dois Rios, existiam “novecentos homens num curral de arame”, vivendo como “bichos”.<sup>17</sup> Observações que se ligam a outra, feita na ocasião da transferência de Recife para o Rio de Janeiro no porão do navio Manaus. Impressionado com a aparência das “trevas luminosas” do porão e com a quantidade de pessoas lá confinadas, o escritor assim descreveu a situação dos presos com relação aos carcereiros: “Era como se fôssemos gado e nos empurrassem para dentro de um banheiro carrapaticida”. Os presos eram tratados como “[...] simples rebanho, apenas, rebanho gafento, na opinião dos nossos proprietários, necessitando creolina. Os vaqueiros, armados e fardados, se impacientavam”.<sup>18</sup>

Essas criaturas humanas (re)criadas por Graciliano Ramos, eram submetidas a diversos níveis de tortura psicológica, que iam desde a falta de privacidade, a comida intragável e a convivência forçada do porão do Manaus, passando pelos perrebejos do Pavilhão dos Primários, até a animalização na Colônia Correccional. São dessa instituição as descrições mais contundentes do escritor acerca da forma como os presos eram subalimentados, forçados a trabalhar em atividades pesadas, sem atendimento médico descente e vivendo em uma situação de habitação insalubre, destinada a “proporcionar a maior quantidade de doença e desconforto possível”<sup>19</sup> a indivíduos que estavam ali, não para se corrigir, mas para morrer.<sup>20</sup>

A situação de presos políticos submetidos aos caprichos dos guardas e do governo não impediu o surgimento de relacionamentos de amizade duradouros, nem que os encarcerados do Pavilhão dos Primários desenvolvessem atividades como aulas, palestras, jogos, leitura. É na Colônia que o regime autoritário mostra sua face mais cruel, mas mesmo aí, Graciliano consegue relacionar-se com indivíduos como Gaúcho e Cubano, fazer amizades, conversar, trocar idéias e tomar notas.

Durante sua permanência na Colônia, Graciliano sofreu de uma crise de

---

<sup>16</sup> CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência**: a polícia da Era Vargas. Brasília: Editora da UnB, 1993, p. 193.

<sup>17</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 71. v. II

<sup>18</sup> Ibid., p. 124. v. I.

<sup>19</sup> ROSE, Robert S. **Uma das coisas esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil /1930-1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 133.

<sup>20</sup> RAMOS, 1996, op. cit., p. 69. v. II.

inapetência, devido às péssimas condições sanitárias da cozinha e da alimentação, situação que agravou o seu estado de saúde. Nas imediações do barracão que servia de cozinha e refeitório: “O ar estava nauseabundo e empestado, havia certamente nas proximidades um bicho a decompor-se. [...] O cheiro de carniça invadiu-me os gorgomilos, trouxe-me enjôo, lágrimas, embrulho no estômago”.<sup>21</sup>

Já a higiene dos utensílios e a qualidade da alimentação foram assim descritas: “[...] vi um pãozinho redondo sobre a tábua; no líquido frio boiavam cadáveres de moscas.” Neste ponto Graciliano tenta comer o pão, mas “[...]a massa obstinou-se, pegajosa, mole: tinha a brandura resistente de borracha. Soltei-a, fiquei algum tempo a olhar as moscas mortas”.<sup>22</sup>

Partindo dessas descrições, Nelson Pereira dos Santos montou as cenas do barracão de alimentação com extremo realismo. Uma delas passa-se à noite e vemos Graciliano Ramos/Carlos Vereza sentado, fumando e olhando para o prato de comida que lhe é oferecido por um dos presos: no prato uma água amarronzada, na qual bóiam gordura e talvez pedaços de carne ou feijão, na caneca amassada outra água choca – café ou chá, no fundo ouve-se o som das moscas voando.<sup>23</sup> Em outra ocasião, quando da comemoração do aniversário do Dr. Sarmiento/Nelson Dantas – diretor da Colônia –, os pratos são tampados com folhas de alface para esconder que o cardápio era o mesmo dos dias comuns.<sup>24</sup>

Eram a essas condições desumanas que estavam submetidos os presos comuns e os presos políticos, ou como diziam os guardas, os presos da “[...] ordem política e social”.<sup>25</sup> Esses últimos eram representados pelos comunistas, simpatizantes, intelectuais e militares revoltosos.

Os comunistas, assim como outras categorias sociais, não se enquadravam na “nova nação” de Getúlio e foram elevados a “inimigos” que deveriam ser eliminados para que o Brasil pudesse ingressar no capitalismo mundial. Para tanto, difundiu-se representações ligando os comunistas a uma “[...] simbologia do mal (ligada aos valores cristãos), a verticalidade (significando as profundezas das trevas), a invocação ao

<sup>21</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 59. v. II

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 70.

<sup>23</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 1:06.12 – 1:07.12.)

<sup>24</sup> *Ibid.*, (1:46.05. min)

<sup>25</sup> RAMOS, 1996, op. cit., p. 33.

bestiário (répteis repulsivos, rastejantes, viscosos) e às doenças do organismo social (tumor, câncer, vírus)”.<sup>26</sup> Representações amplamente utilizadas tanto por Vargas como pelos governos do pós-1964, no intuito de eleger um catalisador da violência, mobilizador das energias nacionais, o grande “bode expiatório”, desviando a atenção dos problemas sociais, da corrupção, dos favoritismos, da violência, da arbitrariedade por eles cometidos contra a população.

Ramos teceu várias passagens nas quais podemos captar como a sociedade brasileira percebia os comunistas. Ao ser transferido, de trem, de Maceió para Recife, o escritor encontrou um conhecido (o Deputado José da Rocha) que ao ter conhecimento da prisão de Graciliano, “recuou, temendo manchar-se” e exclamou: “\_\_ Comunista!”

Os ideólogos de Vargas construíram e difundiram representações nas quais qualquer pessoa que fosse suspeita, se proclamasse comunista ou simpatizante, era um perigo para a saúde de uma sociedade que não tolerava o pluralismo. Ora, o espanto do “conhecido” do escritor e o medo de “manchar-se” estavam atrelados a “[...] um imenso desprezo”, advindo da “convicção de achar-se na presença de um traidor”<sup>27</sup> dos ideais nacionalistas defendidos por Vargas e seus seguidores.

Nem mesmo os próprios presos estavam isentos da influência dessas representações. O médico Emanuel Horta/Nildo Parente, era presidente da Aliança Nacional Libertadora de Maceió-PE e acabou preso no arrastão anti-comunista, mas não era sequer simpatizante do comunismo. Ele era um “burguês”, que nos primeiros momentos da prisão comprava comida no navio Manaus, desfilava de roupão de seda e tinha um auxiliar para carregar suas malas. Transferido para a Colônia foi designado para os trabalhos forçados, acabou “desequilibrando-se” com tantos maus tratos e ficava o tempo todo perguntando aos outros se sabiam o motivo de sua prisão. Quando Ramos respondeu-lhe não saber nem sequer o motivo do seu encarceramento quanto mais o do outro, Horta lançou esse desabafo:

\_\_ Você, ora essa, você está preso porque é comunista. Sempre foi, desde menino, sempre foi. Ainda usava calças curtas e já lia estas coisas no armazém do pai dele. Comunista. Desde menino leu tudo que fala de comunismo, revolução, tudo. Mas eu, eu, que foi que eu fiz para estar aqui? Explique o que foi que eu fiz? Diga porque me

<sup>26</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Papyrus, 1998, p. 52.

<sup>27</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 57. v. I.

mandaram para cá? Diga ao menos o que é comunismo, eu não sei, eu nunca me meti com vocês, eu nunca li estas coisas. Explique!?”<sup>28</sup>

O medo de ser identificado como comunista e passar o resto dos dias na cadeia fazia parte dos temores dos detidos, fossem realmente comunistas, intelectuais ou simpatizantes. Sendo comunista, era justo que o escritor, assim como outros tantos seres “corrompidos” pelo “perigo vermelho”, estivessem presos, separados do convívio social. Já para Emanuel, a sua prisão e de outros sujeitos como ele, era uma injustiça sem explicação. Proclamando Graciliano Ramos como comunista, Emanuel Horta desviava as atenções de sua pessoa e as concentrava no escritor, em um desabafo temerário num ambiente em que qualquer um poderia ser um espião e denunciar Ramos as autoridades, complicando-lhe ainda mais a vida.

Outra passagem que aponta para como a sociedade percebia os comunistas como uma “encarnação do mal” foi representada na visita de uma parenta de Heloísa/Glória Pires à casa de Ramos antes da sua prisão e após sua demissão. Albertina (a parente) chegou logo pela manhã para contar a Heloísa sobre a demissão do marido, dando-se o seguinte diálogo:

— Bom dia, dona Albertina! [cumprimenta Ramos]  
— É verdade que você... [Heloísa questiona Ramos]  
— É, foi demitido.  
— Porque você proibiu o Hino Nacional.<sup>29</sup>[rebate Albertina]  
— Até na minha casa [zangado], já não bastam os telefonemas, os telegramas. [levanta-se e começa a sair da sala, volta-se] Faça-me o favor, dona Albertina, vá denunciar-me, se por acaso não o fez.  
— [Albertina mira Ramos como se olhasse para o demônio] Comunista. [põe a mão no ombro de Heloísa, olha-a com pena] Que Deus te proteja.<sup>30</sup>

Ora, além de considerar os comunistas como uma “encarnação do mal”, a população, de modo geral, achava-os antipatrióticos, ateus, “comedores de criancinhas” e todos a eles relacionados (como Heloísa, na cena acima) deviam ser dignos de pena e da proteção de Deus para não se tornarem também agentes do comunismo.

<sup>28</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 1:34.50 – 1:35.21.)

<sup>29</sup> Como já apontado Graciliano proibiu o Hino de Alagoas e não o Hino Nacional como nesse diálogo do filme. Troca que pode ter sido feita para dar mais dramaticidade a cena a aos motivos para a prisão do escritor.

<sup>30</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. 1984, op. cit.; Fita 01, 0:09.00 – 0:09.29.

Essas visões eram reforçadas pela imprensa reacionária. Essa veiculava, por meio de uma “linguagem violenta”, que os comunistas eram “uns monstros” e o governo isolando-os “salvava o país” de um destino cruel, tudo isso em meio à “credulidade e indiferença do público”.<sup>31</sup> Nesse contexto o escritor ainda refere-se a matéria de “um jornaleco ordinário” que publicou seu retrato com a legenda: “o bagunceiro de Alagoas” e abaixo um escrito violento e injurioso arrasando-o, expondo-o “à execração pública num ataque medonho” já que para um “desordeiro” como ele “a prisão era justa”.<sup>32</sup>

Essas e outras atitudes do governo e da população levavam centenas às prisões e, mesmo depois de deixarem os cárceres, continuavam marcados para sempre como comunistas, como mostra essa fala do Capitão Aquiles Pompeu/Fábio Barreto, respondendo a indagação de Ramos, sobre qual a relação dos intelectuais com os militares revoltosos (esses últimos haviam promovido uma manifestação contra a extradição de Olga Benário e Elisa Berger que acabou deixando todos trancados em seus cubículos): “\_\_De onde vem você, homem? Você ainda acredita defender os seus direitos? Vai sair daqui marcado e todas as vezes que houver uma simples greve de barbeiro, tu vai ser preso de novo, como todos nós”.<sup>33</sup>

Não era só a imprensa reacionária e os militares que faziam a apologia e se calavam acerca da prisão dos comunistas e simpatizantes, outras categorias sociais também desejavam mantê-los na prisão e compactuavam com as ações da polícia política de Felinto Müller, já que “[...] inimigos em chusma atacavam a sociedade, éramos cupim no edifício burguês e aplicavam-nos inseticida. A nossa prisão constituía evidência de numerosas ameaças à ordem; atribuíam-nos força e simulavam combater-nos; na verdade esmagavam-nos”. E ainda apontou que “[...]se nos soltassem, ponto final no embuste; o proprietário se indignaria vendo que o tinham alarmado sem motivo. Despojava-me de ilusões, resignava-me a encolher-me nos bastidores, comparsa anônimo e feroz, na opinião da platéia excitada.”<sup>34</sup>

<sup>31</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 244. v. II

<sup>32</sup> Ibid., p. 299. v. I

<sup>33</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 0:31.18 – 0:31.33.)

<sup>34</sup> RAMOS, 1996, op. cit., p. 289.

Ramos não enquadrava-se no tipo de cidadão ideal do varguismo (patriótico, “dócil”, trabalhador urbano submetido aos sindicatos controlados pelo governo e católico), logo ele era um dos “cupins” que deveriam ser eliminados. Como funcionário público, ele não seguia rigidamente os ditames nacionalistas, ao contrário, pois chegou a proibir a execução do Hino de Alagoas nas escolas: “\_\_Uma estupidez com solecismos”.<sup>35</sup> Atitude muito antipatriótica e arriscada frente ao nacionalismo governamental. Além disso, enquanto foi Diretor da Instrução Pública de Alagoas, forneceu roupa e merenda gratuitas às crianças pobres, possibilitando-lhes o acesso à educação, quando o desejo real era manter o máximo de crianças longe do mundo das letras, pois “[...] o emburramento era necessário. Sem ele, como poderiam agüentar políticos safados e gerais analfabetos?”.<sup>36</sup> Também recusou-se a privilegiar “apadrinhados” dos políticos e “coronéis” alagoanos.

Além dessas atitudes altamente comprometedoras, era amigo de subversivos conhecidos como Valdemar Cavalcanti e Alberto Passos Guimarães, seus filhos – Márcio e Júnio – eram membros da Juventude Comunista e seus romances publicados não se enquadravam no ideário político e moral do governo. Ele não era ainda membro do Partido Comunista, para o qual só ingressou em 1945, mas deixava claro a sua recusa ao capitalismo e sua simpatia a uma revolução comunista.

Em algumas passagens de *Memórias*, Graciliano Ramos registrou suas impressões sobre o capitalismo e a revolução. Segundo ele: “[...] ambicionava com fúria a desgraça do capitalismo, pregava-lhe alfinetes, únicas armas disponíveis, via com satisfação os muros pichados [...]. Não me repugnava a idéia de fuzilar um proprietário por ser proprietário”.<sup>37</sup> Apesar de ser a favor de uma revolução, confessou-se um “revolucionário chinfrin”<sup>38</sup> cuja ação consistia em alargar-se “[...] em conversas no café, dissera cobras e lagartos do fascismo, escrevera algumas histórias. Apenas. [...] [Conservando-se] na superfície, nunca fizera à ordem ataque sério, realmente era um diletante”.<sup>39</sup>

---

<sup>35</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 38. v. I

<sup>36</sup> Ibid., p. 41.

<sup>37</sup> Ibid., p. 46.

<sup>38</sup> Ibid., p. 52.

<sup>39</sup> Ibid., p. 113.

Dileitante porque não lutava contra o capitalismo com as armas dos soldados e políticos, sua arma era a Literatura, “armas, fracas e de papel”<sup>40</sup> batendo-se contra o capitalismo e o “pequenino fascismo tupinambá”<sup>41</sup> que havia tomado conta do Brasil, transformando-o em “[...] uma bárbara colônia alemã. Pior: numa colônia italiana”.<sup>42</sup>

Seus romances estão repletos de passagens nas quais se depreendem conceitos e categorias do materialismo histórico. Na opinião do renomado advogado Sobral Pinto/Paulo Porto, na conjuntura político-social repressiva do governo Vargas, essas passagens já eram motivo para encarcerar alguém. Ele exprime essa opinião a Ramos na entrevista de ambos a fim de construir uma defesa para retirá-lo da prisão.<sup>43</sup>

O Estado de Sítio, concedido pelo Congresso após a fracassada Intentona Comunista de 1935, foi ampliado para estado de guerra interno durando até junho de 1937.<sup>44</sup> Essas ações permitiram à polícia política uma liberdade operacional sob a fachada de lei marcial, possibilitando a “detenção” sem necessidade de mandato e o encarceramento sem *Habeas Corpus*. Ramos observou que “[...] o Congresso apavorava-se, largava bambo as leis de arrocho – vivíamos de fato numa ditadura sem freio”.<sup>45</sup> Um período autoritário que encarcerou e matou milhares de pessoas. O Estado Varguista, assim como qualquer governo autoritário, seja no Brasil do pós-1964 ou nos países da América Latina, então passando por movimentos semelhantes, agiu basicamente em duas frentes uma “normativa”, seguindo e fazendo leis que lhes interessavam diretamente na legitimação de seu poder, mantendo o Congresso funcionando (no caso dos governos militares), acatando algumas decisões do Judiciário e a outra “prerrogativa”, representada “[...] pelo círculo do poder e pela polícia, em uma esfera inatingível pela lei”.<sup>46</sup> É nessa última que agem os militares torturadores do pós-1964 e a polícia política de Felinto Müller da década de 1930 e 40; em um espaço à margem das leis e da justiça, no qual impera a violência e o rebaixamento dos direitos do ser humano.

---

<sup>40</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 52. v. I.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 299-300. v. II.

<sup>44</sup> ROSE, Robert S. **Uma das coisas esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil /1930-1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 89.

<sup>45</sup> RAMOS, 1996, op. cit., p.51. v. I.

<sup>46</sup> ROSE, 2001, op. cit., p. 27.

O número total de presos durante a “caça” aos grupos de esquerda, no governo Vargas é desconhecido, mas em meados de 1937, as estimativas variam de 7 mil a 35 mil pessoas submetidas às condições precárias das prisões.<sup>47</sup> A quantidade de presos durante os governos militares também não é conhecida com exatidão, pois centenas de pessoas nunca foram indiciadas, apenas “desapareceram”. Os dados que permitem uma pálida idéia dos números da repressão são as estatísticas



Graciliano Ramos no Pavilhão dos Primários. Na cena um dos almoços do grupo. Ao seu lado direito vemos o Companheiro Soares (Jofre Soares) e ao fundo, do lado esquerdo, Emanuel Horta (Nildo Parente).

dos processos judiciais de indivíduos processados dentro da Lei de Segurança Nacional e que, entre 1964 e 1979, constam de 6385 indiciados e 7367 denunciados.<sup>48</sup> Esses números, apesar de não representarem a realidade da repressão aos grupos de esquerda e nem levarem em conta, entre outras ocorrências, os mortos da Guerrilha do Araguaia, por exemplo, são mais realistas do que o de 333 mortos reconhecidos oficialmente no final dos governos militares.<sup>49</sup>

É oportuno ressaltarmos que a categoria dos comunistas também não era formada por um bloco homogêneo professando as mesmas idéias, interesses, visões de mundo e projetos. Cada grupo, apesar de acreditar que o comunismo era a melhor forma para eliminar o capitalismo e implantar um governo socialmente mais justo, trilhava seus próprios caminhos no interior do comunismo. Caminhos que refletiam as tendências internacionais: uns eram leninistas, outros bucharinistas, stalinistas, trotskistas, internacionalistas... Podemos captar essa diversidade de propostas dentro do comunismo por meio de várias passagens, escolhemos uma das mais significativas. Nela Graciliano conversava com outro preso e esse indagou-lhe se era trotskista: “\_\_ Eu?

<sup>47</sup> Robert S. **Uma das coisas esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil /1930-1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 91.

<sup>48</sup> SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Castelo a Tancredo – 1964-1985. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 262-263.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 516.

[respondeu Ramos] Que lembrança! Afirmei que sou internacionalista, quem falou em trotskista? \_\_ É a mesma coisa. [replicou o preso]”.<sup>50</sup>

Ora, apesar de individualmente cada comunista imaginar-se como “[...] um soldado da revolução internacional em guerra contra a burguesia, as classes médias e o próprio mundo”,<sup>51</sup> podemos perceber como cada grupo percepcionava-se com seguidor de uma das correntes comunistas da época e acreditava-se como diferente dos demais, mesmo que alguns, como a maioria da sociedade e dos militares do pós-1964, achassem que comunista era tudo a mesma coisa.

Essa diversidade de propostas das esquerdas estava em efervescência na década de 1960, indo do PCB (Partido Comunista Brasileiro), passando pela POLOP (ou ORM-PO – Organização Revolucionária Marxista – Política Operária) e AP (Ação Popular), pelas Ligas Camponesas e pelo PC do B (Partido Comunista do Brasil) e PORT (Partido Operário Revolucionário Trotskista); cada um com propostas distintas de mudança social que passavam pelo comunismo. Essas organizações viram-se sem ação com o Golpe de 1964. Elas esperavam uma reação popular que nunca ocorreu e frente à inatividade do PCB (então a maior organização de esquerda que não acreditava na resistência armada como forma de derrubar os militares), vários grupos partiram para propostas de ação que passaram pela luta armada, pela guerrilha urbana e rural. Os militantes da ALN (Ação Libertadora Nacional) e do PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), entre outras formas de organizações esquerdistas, foram os mais perseguidos pelos militares e acabaram sendo debelados nos anos 1970, quando muitos de seus militantes já estavam presos ou mortos. É oportuno ressaltarmos que a opção de alguns grupos da “[...] esquerda brasileira pelas armas” deu-se num “[...] contexto social, agitado, ainda, pelas manifestações libertária em todo o mundo, da guerrilha do Che na Bolívia à Primavera de Praga, do Maio de 68 na França à Guerra do Vietnã, da contracultura à Revolução Cultural Chinesa”<sup>52</sup> e, independente da forma tomada por essa resistência, todos queriam alcançar a revolução comunista que,

---

<sup>50</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 0:37.53 – 0:38.06.)

<sup>51</sup> FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito**: cultura e imaginário dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói/Rio de Janeiro: EDUFF/Mauad, 2002, p. 81.

<sup>52</sup> RIDENTI, Marcelo Siqueira. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Edusp, 1993, p. 30.

segundo esses grupos, era a única forma de resolver os graves problemas sociais e institucionais do Brasil.

Outra categoria social que comungava os ideais comunistas e foi parar atrás das grades foram as mulheres. Esposas, companheiras de comunistas ou militantes, elas foram retidas na Sala 4 da Casa de Detenção. Nessa sala encontravam-se detidas Olga Benário, Eliza Berger, Carmem Ghioldi, Nise da Silveira, Beatriz Bandeira, entre outras. Todas politizadas e atuantes, destoando do ideário varguista da mulher “do lar”, sem muitos estudos ou participação na vida pública.

No porão do navio Manaus, Graciliano espantou-se ao deparar-se com duas mulheres e pediu a Mário Pinto/José Dumont que as identificasse:

— Essa é Maria Joana, se tiver qualquer negócio com ela é só procurar neste camarote. [ irônico, referindo-se as redes e as cobertas que separavam as duas mulheres do resto dos presos] Me dê um cigarro, doutô.

— E aquela, quem é?

— Maria Leonília, foi apanhada com uma metralhadora na mão.<sup>53</sup>

As duas nordestinas tinham lutado na Intentona e foram submetidas aos mesmos desconfortos dos homens, tendo apenas redes e panos para providenciar um pouco de privacidade. Elas vão fazer parte das presas da Sala 4 da Casa de Detenção e serão, juntamente com os presos do Pavilhão, protagonistas da cena da extradição de Olga Benário e Elisa Berger.

Olga Benário era alemã, judia, comunista e companheira de Luiz Carlos Prestes, o famoso articulador da Coluna Prestes, e um dos líderes comunistas mais conhecidos do Brasil. Juntamente com Prestes, Olga foi detida pela polícia política de Felinto Müller. A sua situação representava um delicado problema diplomático para Vargas. Grávida de Prestes ela não poderia ser legalmente extraditada para a Alemanha, como era o desejo dos dois governos. A partir de nebulosas manobras legais o governo mandou-a e a Elisa Berger para a Alemanha, em agosto de 1936. Olga morreu no campo de concentração nazista de Bernburg, em 1942.<sup>54</sup> Sua coragem e seu sofrimento transformaram-na em uma figura mítica para o PCB. Figura que Nelson Pereira dos Santos resgatou em *Memórias*.

<sup>53</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 0:29.11 – 0:30.12.)

<sup>54</sup> ROSE, Robert S. **Uma das coisas esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil /1930-1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 145-146.

Na cena em que a polícia vai retirar Olga/Ada Chaseliov da Casa de Detenção para ser extraditada, os presos se revoltam com a atitude e acabam sendo trancados em suas celas por vários dias. O Pavilhão dos Primários se comunicava com a Sala 4 por meio de um furo na parede de uma das celas. É por essa forma de comunicação que eles ficam sabendo da extradição de Olga e Elisa. Frente a essa notícia o Capitão Aquiles Pompeu<sup>55</sup> acabou por arregimentar os presos organizando a resistência na forma de um quebra-quebra de pratos e fazendo enorme rebuliço. O Diretor, a fim de acalmá-los, propõe um acordo. Por esse Olga e Elisa não seriam extraditadas só transferidas e ainda seriam acompanhadas de duas outras prisioneiras e um médico que os presos indicariam. Alguns são contra, mas no final acabam concordando. Só que o Diretor não cumpre o acordo, manda seus soldados entrarem na Sala 4 e de lá retiram Elisa e Olga.

O desespero e o desamparo são totais, todos sabem que a deportação de ambas para a Alemanha era ilegal e poderia representar suas mortes nas mãos dos fascistas germânicos. É para o semblante do estivador Desidério/Tonico Pereira que a câmara se dirige, captando suas lágrimas e o seu desespero de se ver traído em mais um acordo com a burguesia, na forma do Diretor da Casa de Detenção. Durante a discussão com o Diretor, Desidério havia apontado que estavam todos sendo inocentes e Olga ia era “[...] ser deportada por esta ditadura”,<sup>56</sup> uma previsão que acaba se concretizando para seu desconsolo e de todos os presos.

Evidentemente os presos políticos não tinham nenhum poder real de barganha para impedir os desmandos do governo, mas ficarem parados, apáticos, silenciosos e sem tomar nenhuma atitude de resistência era inaceitável e não era o caminho que um grupo de “subversivos” tomaria ao ver um dos seus “ícones” ser mandado para a morte certa.

A identificação do público feminino com as personagens presas na Sala 4 foi construída pela via da sua militância. Várias mulheres foram presas nos anos dos governos militares, por serem, como as encarceradas de 1936, esposas, companheiras de “subversivos” ou militantes de grupos armados. Elas sofreram violência, tortura e morte em nome de um ideal de liberdade. É baseado nessa identificação que Nelson Pereira dos Santos construiu as figuras femininas da Sala 4 e de Heloisa Ramos, representando

<sup>55</sup> No livro, essas ações de organizar os presos, são atribuídas a Agildo Barata Ribeiro.

<sup>56</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 0:22.28 – 0:24.41.)

a luta feminina pelo fim dos governos militares, seja por meio das ações armadas (no caso as presas da Sala 4) ou de formas mais sutis de resistência (como as ações de Heloisa Ramos).

A figura de Heloisa Ramos/Glória Pires é um dos pontos fortes de *Memórias*. Num primeiro momento ela é mostrada como uma jovem frágil, ciumenta, que atormentava a vida do escritor com suas suspeitas e cobranças, levando-o a desejar a prisão como uma forma de fugir de uma vida familiar tumultuada. Representação da mulher submetida numa sociedade patriarcal, mãe e esposa preocupada apenas com seus problemas, essa Heloísa da primeira fase do filme, é o protótipo da mulher sem posições políticas, sem interesses nos acontecimentos do país. Ela era a personificação do ideal feminino tanto dos varguistas quanto dos militares do pós-1964.

Levine aponta que o Estado Novo ignorava as mulheres, mesmo essas sendo mais da metade da força de trabalho (a maioria trabalhava na indústria têxtil, nos escritórios ou no magistério). A propaganda do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) procurava elogiar as “[...] mulheres como donas-de-casa, enfatizando que o trabalho era território dos homens”, logo elas deveriam fazer os trabalhos mais “fáceis” e, portanto, “[...] mais mal pagos, dificultando sua ascensão a posições melhores” no mercado de trabalho.<sup>57</sup>

No pós-1964, mesmo com a emergência do movimento feminista, a situação da mulher no mercado de trabalho não sofreu mudanças substanciais, continuou com salários menores que o dos homens e com menos oportunidades de trabalho. O que modificou foi o enfoque dado nas propagandas à dona-de-casa, vista como uma consumidora que deveria ser levada a desejar/comprar “modernos” utensílios domésticos para facilitar seu cotidiano (fogão a gás, aspiradores de pó, batedeiras, etc.), para se embelezar (roupas, cosméticos, etc.) e para dar-lhe acesso ao mundo exterior (televisão).<sup>58</sup>

Como já abordado, a figura de Heloisa Ramos trás em si dois momentos, num primeiro ela é mostrada como mulher frágil e ciumenta, já em sua segunda aparição, com Graciliano preso no Pavilhão dos Primários, notamos a mudança que nela operou-

<sup>57</sup> LEVINE, Robert M. **Pai dos pobres?** O Brasil e a era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 102-103.

<sup>58</sup> Entre outros textos que tratam dessa questão reportamo-nos a: SCHWARCZ, Lilia Moritz et. al. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658. v. 4.

se. De esposa ciumenta e frágil, Heloisa transformou-se no apoio inabalável do escritor, percorrendo várias repartições para conseguir direito de visita, gerenciando os assuntos econômicos do casal, deixando os filhos com parentes e viajando sozinha a fim de entrevistar-se com o marido. Ela é o motor por trás do movimento dos escritores em prol da libertação de Ramos e do interesse do advogado Sobral Pinto em representá-lo. Com sua doçura, seu amor e simplicidade prática, Heloisa mantém Graciliano conectado com a realidade fora da prisão.

Papel que não era apenas o dela, mas de várias outras mulheres de presos políticos, como Maria Barata, esposa de Agildo Ribeiro. Ela, assim como outras, era uma das encarregadas de manter a correspondência dos presos com o exterior, “contrabandeando” cartas,



O escritor despedindo-se da esposa Heloisa de Medeiros Ramos (Glória Pires).

mensagens, encomendas para fora e para dentro do presídio. Ação que também Heloisa Ramos praticou, correndo o risco de ser apanhada e também encarcerada.

Deixando de ser uma “menina de província”,<sup>59</sup> como classificou-a Ramos, Heloisa apresenta-se como a representação das mulheres do pós-1964 que “amadureceram”, lutaram e conseguiram ocupar um espaço maior no cotidiano brasileiro. Um espaço diferente do “fogão” e do “forno”, abarcando a política, a produção intelectual e o mercado de trabalho.

### **Os presos comuns: malandros, ladrões e homossexuais**

Os presos políticos, membros ou simpatizantes da esquerda (intelectuais, estudantes, professores, militares, trabalhadores sindicalizados) não estavam sozinhos nas prisões varguistas, eles conviviam com os presos comuns (marginais, ladrões,

<sup>59</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 0:16.28.)

vigaristas, estupradores, assassinos, homossexuais, vadios, desocupados); todos ocupavam espaços nos cárceres do governo Vargas.

Ramos conviveu mais diretamente com a segunda categoria quando foi transferido do Pavilhão dos Primários para a Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande – R.J.. Ali conheceu sujeitos como Cubano e Gaúcho, que não se enquadravam no projeto varguista e estavam detidos não para corrigirem-se e reintegrarem-se à sociedade, mas como discursava diariamente o Anspeçada Aguiar/Jackson Antunes, “para morrer.”

Logo após o discurso diário de Aguiar, os presos, cabeça baixa, braços cruzados dirigiam-se aos trabalhos forçados. A aparente “submissão” dos encarcerados é ressaltada no filme com o som produzido por seus tamancos batendo no chão. É como se um exército disciplinado marchasse em uma parada seguindo as ordens do Anspeçada. Aparentemente essa cena representaria a submissão dos presos que, debilitados, famintos, doentes e cansados, não teriam outra opção a não ser seguir rumo aos trabalhos forçados, no entanto, ela pode ser “lida” sob outro prisma. Pode ser analisada como uma representação da situação do trabalhador brasileiro que, nos governos Geisel e Figueiredo, passou por momentos difíceis. Durante os anos do chamado “milagre econômico” os trabalhadores, mesmo não obtendo ganhos reais nos salários, podiam pelo menos contar com um índice baixo de inflação e com uma oferta substancial de emprego, apesar de viverem sob um regime autoritário com dispositivos repressivos como o AI-5 que prendia, censurava e matava, buscando abafar as manifestações populares contra o sistema repressivo implantado pelos militares após o Golpe de 1964. Já nos dois últimos governos militares, com a crise econômica internacional, o país estagnou-se e o trabalhador sofreu com uma inflação galopante e com a queda nos índices de emprego. Podemos “ler” na cena dos presos caminhando para os trabalhos forçados, os trabalhadores indo todos os dias para o emprego, cabisbaixos como os presos da Colônia, sabendo que seu salário não era suficiente para garantir a sua sobrevivência e a de seus filhos, pois era impossível o salário do trabalhador acompanhar uma inflação que chegou ao patamar de 211%, em 1983 e superou esse índice no ano seguinte.<sup>60</sup>

A representação dos presos nos cárceres da década de 1930 e dos brasileiros

---

<sup>60</sup> SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo – 1964-1985**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 488.

aprisionados no ambiente do regime militar, como um “rebanho” dócil, que não se rebelaria frente as maiores barbaridades, como o espancamento do preso sem motivos, possui um dos seus contrapontos na cena na qual vemos o aniversário do doutor Sarmiento, diretor da Colônia. Na cena da “comemoração” do aniversário do Dr. Sarmiento/Nelson Dantas, enquanto ouviam os discursos de Aguiar/Jackson Antunes, do aniversariante e do padre Mangaratiba/Fábio Sabag, os presos mantinham-se de braços cruzados, cabeça abaixada, como em todas as ocasiões de “formatura geral”, isso enquanto Aguiar e os outros guardas procuram convencê-los a se portar “normalmente”, afinal estavam em uma ocasião de festa e deveriam ficar “à vontade”, esquecendo-se das violências e das privações em nome de uma fachada de contentamento com o aniversário do diretor. Resistência passiva, mas que produz uma das cenas mais marcantes de *Memórias*, mostrando-nos que não é tão fácil, como gostariam os agentes da repressão de ambos os governos, submeter os “dissidentes”, os “subversivos”, seja pela força física ou psicológica ou pela bajulação pura e simples.

Outra cena na qual podemos perceber a resistência dos presos é protagonizada por Gaúcho/Wilson Grey. Esse preso era um ladrão e escrunchante que querendo aparecer no futuro livro de Ramos, roubou algumas folhas na secretária da Colônia. Enquanto entregava o fruto de seu roubo ao escritor, Aguiar entrou violentamente no galpão, determinando “formatura geral”. Ao ir passando pelas filas chamava Gaúcho, esse calmamente se vestia e resmungava contra Aguiar que lhe aplicou uns tapas, levando-o para a solitária pelo furto.<sup>61</sup>

Apesar de todas as torturas físicas e psicológicas pelas quais os presos passavam na Colônia e nas outras instituições penais tanto da década de 1930 quanto no pós-1964, a resistência pacífica ou armada sempre existiu, sendo que cada grupo de esquerda procurou desenvolver sua própria forma de expressar seu descontentamento com o autoritarismo reinante no Brasil em ambos os períodos.

Mesmo sendo obrigados a sobreviver nessas instituições, submetidos a todo tipo de violência, degradação e rebaixamento, transformando-se em “bichos”,<sup>62</sup> “simples rebanho, [...] necessitando creolina”,<sup>63</sup> vivendo em um “curral de arame

<sup>61</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 1:25.51 – 1:26.47.)

<sup>62</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 17. v. II.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 124.

farpado”<sup>64</sup> (na Colônia) ou num “banheiro carrapaticida”<sup>65</sup> (o porão do Manaus), os presos ainda encontravam espaço para serem solidários e preocuparem-se com o destino do bem mais precioso de Ramos – suas notas.

Logo no primeiro momento de sua prisão, Graciliano Ramos percebeu que só conseguiria manter a sanidade se registrasse os acontecimentos e pessoas observados, mesmo faltando-lhe a “calma”, mesmo que “tudo em redor “ parecesse “insensato”.<sup>66</sup> O filme explora essa necessidade do escritor de registrar, de “expor a coisa observada e sentida”.<sup>67</sup> Nelson conseguiu fazer isso de maneira criativa ao enquadrar, em diversos momentos, a cena sob o ponto de vista do escritor como se a câmara fosse seus olhos; ou quando o mostra constantemente envolvido com suas notas e seus cigarros.

Vários presos da Colônia aproximaram-se de Graciliano porque queriam aparecer no futuro livro que ele escreveria e contaram-lhe suas histórias, sabedores da possibilidade de não sobreviverem aos tratamentos desumanos aos quais eram submetidos. É novamente Gaúcho quem protagoniza a cena mais representativa desse desejo de aparecer no livro; após entregar a Ramos os papéis roubados na Secretaria, dá-se o seguinte diálogo:

— Gaúcho, onde você arranjou isso? [questiona Ramos]  
— Coisa doutra. [faz sinal que afanou os papéis] Vai me botá no livro?  
— Você quer que eu mude o seu nome?  
— Mudar, por quê? Queria que aparecesse o meu retrato. Mas vossa mercê não vai dar confiança para mim, não é? Eu sou um vira-lata, pouco que sei aprendi com a minha mulher, aquilo sim uma rata de valor, trinta e duas entradas na Casa de Detenção, trinta e duas...<sup>68</sup>

Para Gaúcho e os outros presos, aparecer no futuro livro de Ramos era uma forma de manterem-se vivos, perpetuados na memória da sociedade por meio de uma obra literária. No entanto, no livro ficamos sabendo que Ramos perdeu o material redigido ao longo dos dez meses de prisão, o que ele até achava bom, pois do contrário

<sup>64</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 17. v. II.

<sup>65</sup> Ibid., p. 124. v. I.

<sup>66</sup> Ibid., p. 151.

<sup>67</sup> Ibid., p. 61.

<sup>68</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 1:24.25 – 1:24.30.)

se veria “propenso a consultá-lo a cada instante”,<sup>69</sup> podendo gerar uma obra inverossímil.

Nelson, ao (re)criar o universo de *Memórias*, fazendo uso de um certo grau de liberdade criativa que norteia qualquer adaptação, construiu uma cena em que os presos da Colônia salvam os manuscritos de Graciliano Ramos, passando-os de mão em mão e escondendo-os dentro de suas roupas a fim de não permitir seu confisco pelo Anspeçada Aguiar. “A defesa coletiva do manuscrito o transforma em patrimônio coletivo [...], o empenho sendo de todos porque o testemunho redime, não deixa o sofrimento virar poeira, torna-o histórico”.<sup>70</sup> A cena é emocionante, tocando fundo no espectador, deixando um desejo, quase uma certeza, de que cada um reencontrará com Ramos no futuro e devolvendo-lhe as folhas, possibilitará o cumprimento da promessa feita ao Diretor da Colônia de pôr “tudo isso no papel”, escrevendo “um [livro] sobre a Colônia Correccional”, pois haviam lhe dado “um assunto magnífico”. Promessa a qual o Diretor indignado exclamou: “A culpa é desses cavalos que ficam mandando para cá gente que sabe escrever”.<sup>71</sup>

A promessa de Graciliano Ramos de construir um livro salvando do esquecimento os testemunhos dos presos e o seu próprio vai além da “[...] vingança, é o único laço ainda capaz de unir os homens contra a força e a violência dos carcereiros”.<sup>72</sup> Atitudes como a defesa do manuscrito, a determinação de Ramos em escrever um livro, entre outras, apontam para os espaços de resistência e a capacidade de união dos presos frente ao arbítrio, a violência e a intolerância de seus algozes.

A resistência de alguns presos não se dirige apenas aos desmandos dos poderes, ela se estende aos projetos sócio-econômicos propalados pelo governo Vargas. Presos como Gaúcho, que disse a Ramos ser um ladrão e ter orgulho da sua ocupação,<sup>73</sup> não encaixavam-se na “nova nação” e nem tinham o perfil do “novo homem” desejado

---

<sup>69</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 36. v. I.

<sup>70</sup> XAVIER, Ismail. Graciliano herói. **Revista Filme Cultura**, Rio de Janeiro: EMBRAFILME, n. 44, abr./ ago. 1984, p. 18.

<sup>71</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 2:01.20 – 2:02.16.)

<sup>72</sup> LE CLÉZIO, J. M. G. Cerimônia de Purificação. **Revista Filme Cultura**, Rio de Janeiro: EMBRAFILME, n. 44, abr./ago. 1984, p. 08.

<sup>73</sup> Gaúcho, em um de seus diálogos com Ramos pediu-lhe que não precisava “usar panos mornos” com ele e nem ter receio de ofendê-lo – ele era um ladrão – acrescentou: “nunca tive intenção de arranjar outro ofício, que não sei nada. Só sei roubar, muito mal: sou um ladrão porco”. (RAMOS, 1996, op. cit., p. 93.)

pelos ideólogos varguistas. Esse “novo homem”, para ser um cidadão da “nova nação”, deveria ser um trabalhador integrado a uma “totalidade econômica (trabalhar = produzir riquezas), jurídica (possuir carteira de trabalho) e moral (compreender o trabalho como um dever/direito)”<sup>74</sup> e promotor do desenvolvimento do Brasil.

Cubano/Waldyr Onofre alegou a Ramos ter sido preso por vadiagem. Na Colônia Correccional ele fazia o papel de “cão de fila” – era o responsável pelas formaturas gerais, pela contagem dos encarcerados, sendo respeitado por esses e, aparentemente, possuindo regalias que os outros não tinham, como roupas sempre limpas, de boa qualidade e acesso a artigos difíceis de se conseguir (como o queijo de cabra que conseguiu para Graciliano aliviar a fome). No entanto, mesmo desempenhando o papel de intermediário entre os carcereiros e os presos, Cubano não se esquecia que era membro da segunda categoria; não era violento, não delatava e nem prejudicava nenhum preso, apenas utilizava-se de sua malandragem para sobreviver.

Graciliano descreveu Cubano como uma “[...] criatura esquisita, empenhada constantemente em nos prestar algum serviço, obrigando-nos às vezes a aceitá-lo à força”<sup>75</sup> e considerava-o, juntamente com o escritor José Lins do Rego e o Capitão Lobo, como um dos seus poucos amigos verdadeiros. Cubano alcançou essa posição por ter defendido o escritor até dele mesmo, impedindo Ramos de morrer de fome, guardando-lhe os pertences para que os outros presos não roubassem, apresentando Graciliano a sujeitos como o Paraíba, um malandro que narrou suas táticas psicológicas ao escritor.

Na categoria dos presos comuns, além dos ladrões e malandros ainda podemos destacar os homossexuais. No filme, Nelson explorou pouco as representações tecidas por Ramos sobre essa categoria. Podemos perceber pela cinesse corporal dos presos/guardas, encarregados da faxina, da distribuição e confecção da comida e do “confisco” dos bens dos presos ao entrarem nas instituições penais, que eles são homossexuais. As cenas apontando para o homossexualismo são veladas – talvez, Nelson as tenha construído assim com o intuito de não se indispor com a censura. Somente numa delas o cineasta mostrou diretamente o comportamento homossexual dentro das prisões. Nela Graciliano dirigia-se ao banheiro quando avistou em um canto

---

<sup>74</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Papyrus, 1998, p. 180.

<sup>75</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 103.

um casal mantendo relações sexuais, o escritor olhou chocado para o quadro enquanto um dos presos lhe perguntou: “*— Você nunca viu ninguém tomar no cu?*”<sup>76</sup>

No livro podemos obter as impressões mais complexas de Graciliano Ramos sobre os homossexuais. Ele expressou seu posicionamento oscilando de uma atitude de nojo e horror pelos pederastas – termo empregado na época – até outra, mais flexível, ao questionar sobre o julgamento que a sociedade fazia deles como “anomalias” a serem postas fora do convívio com as pessoas “normais”, pois representavam o ápice dos maus hábitos que a sociedade cristã gostaria de extirpar.

A primeira posição pode ser percebida na seguinte passagem: “Na verdade era impossível transformar-me, vencer o nojo que esses desvios me causavam. Era um nojo profundo e em vão buscava livrar-me dele”.<sup>77</sup> Como se vê o escritor apesar de ter uma atitude aberta, “progressista” e até moderna sobre determinados assuntos, reproduz valores apregoados pela sociedade, vendo comportamentos e atitudes de seres humanos como “desvios”. Em outra passagem diz que: “[...] achamos aqueles invertidos pessoas vulgares submetidas a condições especiais: semelhantes aos que perderam num acidente olhos ou braços”.<sup>78</sup> Como se um comportamento homossexual fosse uma ação de seres “mutilados” ou “doentes”; essa postura é adequada ao ideário stalinista-lenista que via as questões da sexualidade como questões a serem desprezadas em prol da Revolução e pensava a homossexualidade como “desvio” pequeno burguês frente a tantos outros problemas maiores, esses sim importantes, que afligiam a sociedade e deveriam ser resolvidos.

Mas, por outro lado, Graciliano Ramos avança procurando refletir de forma mais profunda sobre o assunto, fazendo uma análise relativista na busca de produzir uma reflexão sobre o que antes parecia absoluto, admitindo que suas conclusões eram incompletas e moveções, pois

faltava-lhe examinar aqueles homens, buscar transpor as barreiras que me separavam deles, vencer este nojo exagerado, sondar-lhes o íntimo [...]. Porque desprezá-los ou condená-los? Existem – e é o suficiente para serem aceitos. Preliminarmente lançamos opróbrio àqueles indivíduos. Por quê? Porque somos diferentes deles. Seremos

<sup>76</sup> MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Direção de: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Regina Filmes, L. C. Barreto e Embrafilme: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 VHS (124 e 96 min.), som, color, 12mm, NTSC. (Fita 02, 1:20.47 – 1:21.35.)

<sup>77</sup> RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 108. v. II.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 310. v. I.

diferentes, ou tornamo-nos diferentes? Além de tudo ignoramos o que eles têm no interior. [...]

Penso assim, tento compreendê-los – e não consigo reprimir o nojo que me inspiram, forte demais. Isto me deixa apreensivo. Será um nojo natural ou imposto? Quem sabe se ele não foi criado artificialmente, com o fim de preservar o homem social, obrigá-lo a fugir de si mesmo?<sup>79</sup>

Dessa forma, de uma posição de estranhamento total frente ao “outro”, Graciliano caminhou rumo a relativização de suas convicções, inquirindo a si mesmo sobre as razões das atitudes de não aceitação das diferenças; enfatizando a necessidade de compreendê-las e respeitá-las, assim como apontando o papel que a cultura forjada socialmente e imposta aos indivíduos tem sobre nós, inclusive na definição de manifestações físicas, como o nojo, as quais julgamos serem apenas dadas pela natureza.

Essas e outras representações sobre as categorias sociais, relacionamentos, projetos e instituições de quase quatro décadas de Brasil estão presentes em *Memórias do Cárcere*. Percepcionar, captar e analisar algumas das possibilidades interpretativas de *Memórias* proporcionou-nos a oportunidade de transitar pelo passado e pelo presente, pela construção de memórias “oficiais” e oficiosas, pela necessidade que partidos e governos possuem de construir “lugares de memória” nos quais se preserva a sua “verdade”, o seu ponto de vista, seus projetos e visões de mundo em detrimento das de outras categorias sociais.

Daí o privilégio de contar com um testemunho como o de Ramos e de uma leitura como a de Nelson Pereira, intelectuais conscientes do seu papel social e da necessidade de manter vivas outras memórias que não a das categorias hegemônicas. Ao utilizarmos o livro e o filme *Memórias do Cárcere* buscamos resgatar essa pluralidade de representações existentes no social, procurando desvendar uma teia intrincada de significados, ações e reações a partir de fontes documentais social e temporalmente construídas, transmitindo-nos representações importantes para compreendermos os dois últimos governos autoritários do Brasil.

---

<sup>79</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 311. v. I